



Da potência das ruas à impotência dos sujeitos: uma política entre corpos, afectos e cidade

From the power of the streets to the impotence of the subjects: a politics between bodies, affections and city

Gabriel Schvarsberg, IPPUR/UFRJ, gabrielsberg@gmail.com

RESUMO

Desde as revoltas urbanas de 2013, um novo (*pero no mucho*) componente instalou-se sem ser convidado na cartografia política brasileira: "as ruas". Foi numa inesperada atualização dessa experiência comum que cidade e cidadãos anônimos encontraram um meio de fazerem-se presentes em lapsos de democracia selvagem, produzindo efeitos que desestabilizaram o aparente consenso neodesenvolvimentista da primeira década deste século. Enunciadas muitas vezes como espécie de entidade com voz e vida própria, "as ruas" transportam afectos desejanter de outra democracia, outra política, outra cidade, outros agenciamentos, ainda que estas outridades não tenham forma e que essas ruas não sejam uma coisa só. Corporifica-se em atos, manifestações, ocupações, performances, blocos carnavalescos e variadas hibridações que espacializam e enunciam ruas, mobilizando da esquerda à direita do espectro político, produzindo novas conexões e capturas, corpos e narrativas atravessados profundamente por atualizações das relações entre cidade e política. O trabalho convida a um percurso fragmentário por aparições de duas "ruas" num Rio de Janeiro atual, tentando extrair algumas consequências de levar a sério essa "entidade" precisamente como entidade ou *ecceidade*: individuações sem sujeito. Desde um modo cartográfico de inspiração Deleuze-Guattariano-Spinozista que focaliza a produção dos corpos, emergem pistas de uma crise da subjetividade fabricada nas tensões entre macro e micropolítica, na potência dos afectos e nos devires abertos nas composições entre corpo, enunciação e espaço.

Palavras Chave: política, ruas, corpo, afectos, devir

ABSTRACT/RESUMEN

Since the urban revolts of 2013, a new component has been installed in Brazilian political cartography: "the streets." It was in an unexpected update of this common experience that city and anonymous citizens found a way to be present in lapses of savage democracy, producing effects that destabilized the apparent neodevelopmental consensus of the first decade of this century. Often enunciated as a kind of entity with a voice and a life of its own, "the streets" carry the desirable affections of another democracy, another politics, another city, other assemblies, even though these outrades have no form and these streets are not one. It is embodied in acts, manifestations, occupations, performances, carnivalesque blocks and varied hybridizations that spatialize and enunciate streets, mobilizing from the left to the right of the political spectrum, producing new connections and captures, bodies and narratives deeply crossed by the relations between city and politics. The work invites to a fragmentary journey through appearances of two "streets" in a current Rio de Janeiro, trying to extract some consequences of taking this "entity" seriously as an entity or *ecceity*: individuations without subject. From a cartographic mode of Deleuze-Guattarian-Spinozist inspiration that focuses on the production of bodies, there are traces of a crisis of subjectivity fabricated in the tensions between macro and micropolitics, in the power of the affections and in the open becomings emerged from the compositions of bodies, enunciations and space.

Keywords/Palabras Clave: politics, streets, body, affections, becoming

CRISE: SUJEITOS, CORPOS, DEVIR

Vivemos em um mundo infame, eu diria. Não incentiva muito, um mundo muito mal nascido. Mas há outro mundo na barriga deste esperando... E é um mundo diferente. Diferente e de parto difícil. Não é fácil o seu nascimento. Mas, com certeza, ele pulsa neste momento. Há outro mundo que "pode ser" pulsando no mundo que "é".

Eduardo Galeano, entrevista em acampada de Barcelona, Movimento 15-M, Espanha, 2011.

Pois o fato novo da política que vem é que ela não será mais a luta pela conquista ou pelo controle do Estado, mas a luta entre o Estado e o não-Estado (a humanidade), disjunção irremediável entre as singularidades quaisquer e a organização estatal. (...) mas que singularidades façam comunidade sem reivindicar uma identidade, que homens copertencem sem uma condição representável de pertencimento — eis o que o Estado não pode em caso algum tolerar. (...) Onde quer que essas singularidades manifestem pacificamente o seu ser comum, cedo ou tarde, aparecerão os carros armados.

Giorgio Agamben, *A comunidade que vem*

As duas epígrafes apontam uma dupla característica presente no recente ciclo de insurreições populares em diversas cidades do mundo desde pelo menos 2010: o devir que invade cidade e política, como desejo de abertura do campo de possíveis; a não-identidade ou o anonimato da singularidade qualquer que não representa nem se reconhece nas representações, apesar de poder estar por toda parte. Batalhas entre Estado e uma humanidade que sente a impotência de ter que "ser" conforme as linhas de poder a assujeita e acaba descobrindo nas ruas potências de "não ser".

"Anota aí: eu sou ninguém" — Responde astuciosamente uma ativista do Movimento Passe Livre à reportagem durante uma manifestação em São Paulo em 2013. A singularidade qualquer produz um interstício, o contrário identitário e irreduzível às formas de vigilância e captura que dispositivos de governabilidade não podem tolerar por não possuir nome ou identidade suficiente capturável apesar de sua presença corpórea. Mesmo com diversos sinais que indicam uma potência política do anonimato, de formas de ação política que se fazem no desvio da identidade, ainda assim mantém-se de maneira axiomática a prerrogativa dos sujeitos na discursividade da esquerda institucional, mas também no meio intelectual.

[...] porque nossas ruas queimando desde 2013 não produziram ainda as transformações que poderiam produzir? Por que essa força efetiva da reação? [...] porque não temos mais um corpo e não há, nem nunca haverá, política possível sem corpo. Se quisermos voltar a vencer, precisaremos de um corpo. Insurreição não é emergência. Uma insurreição pode ser a explosão bruta da revolta, mas, para que essa revolta forje um *sujeito emergente*, é necessário ainda mais um esforço. Só mais um esforço, se quiserdes ressoar a emergência." (Safatle, 2016, grifo nosso)

Este trecho do manifesto publicado por Safatle é sintomático de uma espécie de vício político moderno, caracterizado pelo projeto ou pela espera de um sujeito político revolucionário. Por dogma, naturalização epistêmica ou desejo messiânico, o sujeito parece ser de fato um axioma de

nossa política, assim como o é a propriedade para o capitalismo, o que nos permite especular um horizonte de imbricações. Não restaria aí uma pista a seguir?

Este artigo apenas tateia por essas indagações, sob forma confessadamente fragmentária e pouco organizada, valendo-se entretanto de perguntas que, diante da atualidade das formas emergentes de ação política, parecem efetivamente importantes: É preciso forjar novos sujeitos políticos para uma nova política? Corpos e sujeitos são apenas conceitos que nomeiam uma mesma coisa humana? No contexto de uma crise política, econômica, ambiental, ontológica sem precedentes não cabe perguntar se pensar outra política não passa também por desviar da narrativa que exige um novo sujeito, mais potente que os anteriores, que vai vencer onde aqueles falharam, e experimentar investir nas possibilidades da *emergência enquanto potência, mas uma potência não proprietária*, que se move por afectos capazes de produzir mudanças sensíveis nos modos de organizar o que se diz mundo? A narrativa que se segue, envereda-se com essas questões por aparições de duas "ruas" — essas entidades ambíguas, híbridos de espaço e sujeito — num Rio de Janeiro atual extraindo, desde uma mirada corpórea, pistas que nos levam a pensar uma política das ruas cujos efeitos mais importantes estariam nas potências dos afectos, nas reorganizações sensíveis que se fazem nas relações de movimento e repouso dos corpos, nas linguagens possíveis aos corpos no tempo do acontecimento e nos devires espaciais que colocam sob novas condições a centralidade do vínculo profundo entre cidade e política.

Desenhando um Contexto | Elementos para uma Cartografia

* * *

Uma adolescente de 17 anos é vítima de um estupro coletivo por mais de 30 homens na zona oeste do Rio de Janeiro. As imagens feitas pelos próprios agressores circulam pelas redes sociais, gerando muita indignação, sobretudo por declarações de minimização da violência pelos homens e culpabilização da vítima. O delegado declara não ter certeza de que se trata de estupro. Em menos de um mês outros dois estupros coletivos aconteceram no Piauí. No mesmo mês a presidente Dilma Rousseff é afastada pelo processo de impeachment, também qualificado nos meios da esquerda como golpe parlamentar-jurídico-midiático, e assume o vice Michel Temer, que em seu primeiro ato no governo interino extingue os ministérios da Cultura, de Políticas para Mulheres, Igualdade racial e Direitos Humanos, formando um ministério composto por “homens, brancos e velhos”. O novo ministro da Cultura recebe em seu gabinete o “ator” Alexandre Frota para ouvir propostas para a educação. Frota é celebridade polêmica, entre outras, por ter declarado num programa de TV em tom de deboche ter estuprado uma mãe de santo. No Rio de Janeiro, o candidato a sucessor da prefeitura, do mesmo partido destes que assumem o Governo Federal, é investigado por agredir sua ex-mulher. Forma-se uma veloz articulação pelas redes sociais de um movimento em várias cidades do país contra a cultura do estupro. Um Ato nomeado “Por Todas Elas (nós)” é convocado no Rio de Janeiro pelo facebook, simultaneamente a outros que acontecem em São Paulo, Porto Alegre, Recife, Campinas. Em outro movimento, várias sedes do Ministério da Cultura em diversas cidades são ocupadas formando uma outra articulação nacional nomeada OcupaMinc, numa luta disparada inicialmente contra a extinção do Ministério da Cultura. Mas o apoio às ocupações cresce muito, fortalecendo suas ações e a articulação se constitui como uma das principais frentes de atuação contra o golpe de estado, mantendo suas ocupações mesmo depois do recuo e restauração do MinC pelo governo, afirmando não reconhecer sua legitimidade. Agregando muitos movimentos culturais e urbanos, uma das frentes que se forma na rede articulada ao OcupaMinc é um movimento chamado “Mulheres Pela

Democracia”, que investe no processo do golpe a dimensão do machismo, misoginia e patriarcado enraizados na estrutura de poder.

Maio de 2016. Dois atos no centro do Rio de Janeiro nomeadamente convocados por mulheres acontecem no intervalo de um dia. Há marcas da luta feminista em ambos, mas suas expressões são bastante diferentes. As participantes também não são as mesmas, ainda que partes de um tenham comparecido ao outro. Desafios a uma escrita que busca dizê-los numa única narrativa que trace gradientes de diferença quando o contexto é todo um só. Seria mesmo possível dizê-los intimamente próximos, como duas ações mobilizadas por acontecimentos derivados do mesmo contexto sucintamente descrito acima. Mas serão as mesmas ruas? Serão os mesmos corpos?

A chave a operar as modulações narrativas de um ato a outro fia-se na percepção de uma subjetividade rachada a partir de 2013 (failemos assim, sem junho, e sem jornadas, para garantir mais elasticidade às bordas do evento). Cartografar, portanto, pelos meandros de uma linha de fratura no dispositivo organizador do socius que vem produzindo bifurcações no meio das lutas sociais e urbanas: um caminho que se lança em êxodo para fora do dispositivo que organizava o presente-até-então; outro que permanece fiel às formas e linguagens do dispositivo que organiza o presente-que-ainda-é e não cansa de acionar a História (com “H” maiúsculo) em que se assenta para resistir ao seu próprio enfraquecimento. “É necessário distinguir, em todo o dispositivo, o que somos (o que não seremos mais), e aquilo que somos em devir: a parte da história e a parte do atual.”(Deleuze, 1996) Linhas de subjectivação, ou atualização, que esboçam o que podemos nos tornar, e linhas de estratificação ou história que desenham aquilo que somos e vamos deixando de ser.

Podemos perguntar se as linhas de subjectivação não são o extremo limite de um dispositivo, e se não esboçam elas a passagem de um dispositivo a um outro. (...) E, na medida em que se livrem das dimensões do saber e do poder, as linhas de subjectivação parecem ser particularmente capazes de traçar caminhos de criação, que não cessam de fracassar, mas que também, na mesma medida, são retomados, modificados, até a ruptura do antigo dispositivo. (Deleuze, *ibid*)

Como mapear esta geografia política? Se no âmbito das formas, representações e identidades — a macropolítica — os movimentos parecem compor juntos uma mesma nuvem de resistência à esquerda contra os avanços ou ataques de uma direita arcaica e conservadora, impulsionada localmente pelos tentáculos transescalares da ordem neoliberal, no âmbito dos desejos e afectos — a micropolítica — outras nuances se apresentam. No fogo cruzado de tantas forças estão os corpos e suas práticas, por onde apostamos acompanhar o exercício político em cada circunstância, nas suas dobras extensivas e intensivas.

Entretanto, assim como não parece correto mapear esta geografia política como um plano de regiões e localizações precisas, pois que se apresenta mais como trama movente, repleta de nós e sobreposições e misturas, o mesmo vale para o que dizemos “corpos”, que estão absolutamente em jogo — no limite é do que se trata a política. Com Spinoza, pensamos corpos simples e corpos compostos, que se multiplicam ao infinito para fora e para dentro. Qualquer coisa pode formar um corpo, desde que a coisa seja um agenciamento entre elementos em relações de movimento e repouso, e por estas relações passem intensidades que afectam as partes e também o conjunto agenciado — um corpo —, que afecta e é afectado nas relações que estabelece com outros

corpos. Os corpos são, neste sentido, habitados por afectos que aumentam ou diminuem sua potência de agir.

Não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que pode ele, isto é, quais são seus afectos, como eles podem ou não compor-se com outros afectos, com os afectos de um outro corpo, seja para destruí-lo ou ser destruído por ele, seja para trocar com esse outro corpo ações e paixões, seja para compor com ele um corpo mais potente. (Deleuze; Guattari, 2012, p. 45)

Geopolítica dos corpos — junto aos corpos perscrutar pistas que levam aos nós e linhas que deformam e perfuram os mapas vigentes acenando a outras cartografias, ainda por desenhar e percorrer. Elementos para uma cartografia:

- > Longitude: Relações de movimento e repouso, velocidade e lentidão
- > Latitude: Intensidade dos afectos; os desejos e prazeres
- > Enunciações: Linguagens possíveis aos corpos.

DOIS ATOS, DUAS RUAS

Um Ato “Por todas Elas(nós)”

Foi uma manifestação grande, que ocupou uma faixa da Avenida presidente Vargas e se estendeu por quase duas quadras apenas com pessoas em movimento, sem carros de som e outras estruturas. Estimava-se 10 mil participantes, sendo maioria absoluta de mulheres (segundo um amigo 9 mulheres para 1 homem). Com uma composição majoritariamente jovem e de estudantes secundaristas e universitárias, não havia um movimento representativo organizador. Ao contrário, o que havia era um grande conjunto de coletivos e organizações estudantis, políticas e culturais expressas em faixas, estandartes e bandeiras carregadas por grupos que se distribuíam ao longo do ato puxando palavras de ordem e músicas em megafones e percussão. Mas esses grupos eram facilmente circunscritos por um muito mais vasto mar de pequenos cartazes individuais e corpos pintados que ao invés de sujeitos coletivos, figuravam como expressões singulares anônimas. As mensagens focavam na crítica à cultura do estupro e na ideia de revolução feminista. Apesar do contexto do golpe, não havia praticamente menção a ele. A não representatividade, signo comum do recente ciclo de protestos e ocupações urbanas em inúmeras cidades do mundo, se expressou claramente na adesão multitudinária. Um evento organizado no Facebook por 4 mulheres, sem referência a grupos, movimentos, organizações, frentes, partidos. O Ato caminhou da Candelária até a Central do Brasil, acompanhado por cordões da Polícia Militar e pelas pessoas que caminhavam pelo Centro no horário da saída do trabalho.

Ajuntando os agentes, entrelaçando as linhas

Chegar na concentração do Ato em frente à Candelária ao cair da noite. É uma quarta-feira e o centro da cidade está em clima de saída do trabalho. Os corpos estão agitados. Conversam, circulam, se olham, buscando conhecidos, pintando a pele, finalizando cartazes. Não há centro, mas muitos pequenos grupos espalhados, ligados a escolas, universidades, centros acadêmicos, coletivos políticos e culturais. De um pequeno megafone saem gritos que convocam a andar. Os corpos se agitam, uns pressionando os outros e o ato começa a caminhar na direção da Central do Brasil. As bandeiras, cartazes, faixas e estandartes sobem, o trânsito pára e enquanto os corpos se rearranjam no movimento do caminhar junto para moldar um limite conforme a largura de uma das pistas da avenida, encontram também, pouco a pouco, um ritmo possível a esta forma. O corpo coletivo, “Corpo-Ato”, começa a se mover e mover a-cidade-que-começa-a-se-fazer-com-ele. Começa a batucada, pulos e gritos ritmados. Em poucos segundos uma intensidade grandiosa faz o asfalto retumbar, amplificando a eletricidade que agita corpos e cidade e suas memórias e profusão de afectos num ritornelo da potência e multiplicidade horizontal das manifestações de 2013 - sem comando unificado, sem palco, sem carro de som, sem uma cor de bandeira predominante.



Uma exceidade

TUM TUM TUM TUM TUM - Legaliza! / TUM TUM TUM TUM TUM - O corpo é nosso! / TUM TUM TUM TUM TUM - É nossa escolha! / TUM TUM TUM TUM TUM - É pela vida das mulheres! TUM TUM - TUM TUM TUM TUM

...Caminhar, gritar para o alto, erguer os braços com punhos cerrados, bater palmas, fechar os olhos, sentir a vibração da percussão, seguir o ritmo, injetar energia com instrumentos, batida do surdo, repique da caixa, abrir os olhos, estandartes coloridos dançam no ar, erguer um cartaz, ler frases pintadas à mão, pele morena de um rosto pintada, corpo de mulher de biquini e perna-de-pau entre cartazes e cabeças, prédios e sinal vermelho de trânsito ao fundo, ponto de ônibus cheio,



transporte transbordando de gente, barulheira difusa de buzinas, gritos de ambulantes, apitos, burburinho de infinitas vozes, cheiro de churrasquinho e fritura, sentir-se parte de uma coisa que se move junta, fabricar imagens, janelas de luzes que piscam, chuva de papel picado, transmitir em streaming pelo facebook, ver pela tela do lap-top, cruzar o olhar com pessoas que estão “fora” do ato, encontrar

uma amiga, sentir uma emoção em comum, perceber que o cotidiano parou, sentir que a cidade desacelera, o coração bate mais forte, ser tomada por uma força, gritar mais alto...

Um corpo



O bloco *Nada deve parecer impossível de mudar*, com músicos homens se acopla ao bloco do *RUA - juventude anticapitalista*, em formação de mulheres. Os dois estandartes seguem lado a lado. O bloco do “Nada” participou da campanha do Freixo em 2012, das manifestações de 2013, seus músicos tocam em blocos de carnaval e o próprio bloco desfilou no último carnaval, alguns são militantes do PSOL. O Rua surgiu em 2013, em meio ao ciclo de mobilizações e se diz como movimento de juventude brasileiro, participa de

manifestações de rua, tem atuação no interior da UNE e do movimento estudantil, e muitos são militantes do PSOL. Essas filiações identitárias importam pouco naquele momento. Esses indivíduos, cujas linhas de vida entre trabalho, diversão, ativismo, perpassam uma série de instituições políticas e territórios habitados estão agenciados agora por ritmos e enunciações criadas por outros grupos em outros contextos (marchas das vadias) que se atualizam neste espaço de modo sinestésico (sonoras, visuais, táteis), compondo com outros corpos de indivíduos não ligados a essas instituições um corpo composto fluido, ligado agora por vibrações sonoras e uma torrente de fluxos de afectos. As motivações iniciais de cada um são apenas o elemento disparador mas, neste momento, secundárias pois o que acontece é já algo novo. Seus efeitos estão acontecendo. Na sintaxe de uma política linear, o sujeito é o responsável pela ação política que se faz estratégica e taticamente visando resultados. Mas na política como malha de afectos, sujeito é apenas uma roupagem ou voz produzida desde um nó enunciado como lugar próprio, estável e real, mas produzido no movimento de linhas de vida emaranhadas que animam múltiplas coisas ou exceções, como este ato.

Corpo-palavra

A macropolítica está presente com #fora Temer, Pedro Paulo bate em mulher, bandeiras, roupas, adesivos de pequenos partidos, sindicatos e organizações políticas, além do próprio feminismo como "ismo". Mas algo mais intenso, mais poderoso na economia dos desejos atravessa e transborda a discursividade e a institucionalidade macropolítica presentes. São enunciações de corpos. *Corpos-palavra* que dizem entre si, por meio de grafias e vozes que gritam para uma cidade que, devindo junto, responde contagiada com chuvas de papel picado, com filas de gente-trabalhadora-do-centro que pára pra ver e dar passagem e gritar junto.

Feminismo é revolução, feminismo é revolução

Se cuida, se cuida, se cuida seu machista, a América Latina vai ser toda feminista

Dilma, Temer, Cunha e Pezão! Proíbem o aborto e mantêm a opressão

Eu beijo homem / beijo mulher / tenho direito de beijar quem eu quiser

Ô Pedro Paulo, como é que é, quer ser prefeito e espanca a mulher

A força de gritar e escutar uma sonoridade feminina, multitudinária, plural. Perceber esta singularidade acoplada a conhecidos gritos de guerra de manifestações coletivas faz-se um acontecimento muito forte. Relatos dizem que se povoou aquele espaço fabricado no ato de um novo tipo de sensação para a mulher na cidade: segurança, confiança, potência de agir com mais liberdade. Juntas, ocupando a extensão de pouco mais de uma quadra da Av. Presidente Vargas, mulheres sentiram-se seguras e à vontade para expor sua voz, sua revolta, seu corpo, no centro da cidade à noite. Uma subjetivação ganha força.



Longitudes_a potência é primeiro para dentro [Corpos nas relações de movimento e repouso]



Caminhar pela multiplicidade de expressões, é descobrir pequenos blocos com enunciados próprios fazendo seus próprios atos dentro do Ato, que não é unificado ainda que produza um corpo; é habitar o espaço rastreando uma potência que não está exatamente situada em um ou outro grupo-sujeito, ou no carisma e retórica de suas lideranças mas no espaço que se forma *entre*. A potência emerge nas ligações, flui por suas linhas habitadas, sem estar contida como propriedade interior.

Escutar, pensar, conversar, perceber tensões presentes em conversas anônimas. O ato não é apenas um *ato político*, que transmite uma mensagem para fora. Mas é em si um *espaço de política*. “Muito branquinho zona sul”; “a esquerda quer sequestrar a pauta”. Questiona-se a cor e a proveniência geográfica dos sujeitos, a presença de homens, o lugar dos partidos e movimentos, os protagonismos. Verdades parciais, por um lado, mas por outro são enunciados tipicamente produzidos pelas linhas de poder que atravessam os corpos em jogo com a finalidade de conservar o mapa diante das linhas de fuga ingovernáveis que desejam o deslocamento. Estratificações, cuja função é despotencializar, desacelerar, conter o intempestivo. Sobre a produção dos corpos sem órgãos é preciso perguntar: “O que povoa, o que passa e o que bloqueia?” “abridores de portas, fechadores de armadilhas” (Deleuze; Guattari, 1996, p. 16). Outra singularidade qualquer rebate esses bloqueios apontando as presenças ocultadas no dizer: logo ali mais preto; estudantes da baixada fluminense presentes; tem PSOL, mas lá na frente tem uma ala de mascaradas anarquistas gritando — *É no fuzil! É na pecheira! /Vamos formar um batalhão de guerrilheira! / Não me leve a mal, eu tô cansado de campanha eleitoral!*

Perceptos engendrados em meio a um corpo de corpos de corpos — diriam lembranças de um spinosista. Corpos de indivíduos agenciados que formam corpos compostos que transportam dizeres e elaboram sem organização prévia um revezamento de forças, de gritos, de performances que em conjunto constituem um corpo-ato que se faz exceidade. Exceidade que não é só de gente.

É Ato e Cidade, Atocidade, Ecceidade, entidade como aquelas das encruzilhadas que não divisam um corpo de um suporte espacial, mas é tudo junto, a própria encruzilhada, o espaço vivo que se faz acontecimento.

Latitudes_corpos cidades desejos e prazeres

Passagens de fluxos de intensidades do individual ao coletivo e do coletivo ao individual, liberaram uma torrente de devires-outros aos corpos femininos no plural. Plural, pois é uma produção de subjetividade feminista — não o feminismo — que vai se constituindo num crescente exponencial, herdeira de lutas anteriores, mas marcando diferenças atualizadas. É mulher que devém mulher, trans, negra, criança, cidade. Mas também é homem, é cidade e é política que devêem mulher. Nenhuma identidade síntese mais presente do que os devires que passam. Nenhuma imagem síntese de mulher que dê conta desses devires. Foi essa talvez a potência que nos atravessava a todas naquele acontecimento. Sim, havia bandeiras, mas não se tratava simplesmente de um mix de representações existentes “marcando presença”. Isso só é verdade do ponto de vista estritamente visual. Mas do ponto de vista do corpo inteiro, dos afectos que percorriam e povoavam cada corpo individual, cada pequeno aglomerado coletivo e o corpo-ato da multidão era, ao contrário, vontade de expressão de multiplicidade e não de identidade. Multiplicação de enunciados mulher a um outro mundo porvir que quer chegar por esses corpos.

As enunciações (se) formam (no) espaço e são expressões de uma ecceidade, não de sujeitos.



Há uma individuação, um corpo coletivo perfeitamente individuado que se destaca do plano dos lugares da vida cotidiana como um meteorito de fogo e luz que passa deixando rastros. Mas essa entidade individuada não existe de modo autônomo. Não pode ser transportada dali. Pois é um devir mulher ligado profundamente a um devir mulher-cidade que se faz com as marcas daquele lugar naquelas circunstâncias. É uma cidade menos machista que surge junto, que

coemerge junto ao corpo-ato. Mesmo que ela possa dar indícios de existência em outras circunstâncias como uma mutação que vem ocorrendo na subjetividade muito fortemente expressa nos discursos e modos de vida de uma geração atual, ela só se realizou enquanto ecceidade quando fez-se espaço. Ela só existe enquanto conversão dos lugares por onde passa em espaço outro e quando sujeitos se desintegram, mesmo que parcialmente, para devir componente de agenciamento. Tornar-se vetor de ressonância de uma coletividade, e não é só um bando,



mas tornar-se a própria rua, que naquela temporalidade do acontecimento é conjunto de matérias de todo tipo afetando-se e sendo afetadas, constituindo um corpo, uma composição que pulsa potência.

Um Ato “Mulheres pela Democracia Contra o Golpe”

No dia seguinte, enquanto uma manifestação de estudantes e professores se dispersava após momentos de tensão com a Polícia Militar em frente à sede do Governo do Estado em Laranjeiras¹, o Ato “Mulheres pela Democracia, contra o golpe” organizado pelas “Frente Brasil Popular” e “Povo sem Medo” saía da concentração no Largo da Carioca rumo a um palco montado na Praça XV, onde a própria presidenta Dilma discursaria, ao lado de outras mulheres contra o golpe. Era mais um de uma sequência de atos que vinham ocorrendo como o mote “em defesa da democracia” desde que o processo de *impeachment* iniciou-se nas tramas dos poderes legislativo-judiciário com amplo apoio midiático-empresarial. Com forte presença da militância ligada às organizações que compõem as Frentes de esquerda, havia maior variação geracional que o ato do dia anterior, mas a presença dos mais jovens, na faixa do ensino-médio era bastante reduzida. Destacava-se a presença de uma geração que foi jovem enquanto o PT se formava e o Brasil saía da ditadura. Sujeitos que militaram nas campanhas eleitorais desde então, muitas das quais culminaram na ascensão a governos, incluindo o Federal. Mas arrisco dizer que a maioria destes que ali estavam assistiu perplexa aos levantes das ruas de 2013, sem a elas se juntar. Havia também grande número de gente não militante, que não aceita o golpe institucional e identifica-se à esquerda do espectro político. Além disso, apesar do chamado do ato, não era possível visualizar maior presença de mulheres do que de homens.

Longitudes_ do pouco movimento e as segmentaridades duras

...Chegar num Ato já parado, organizado em forma palco-platéia, como outros anteriores convocados e realizados como shows com atrações. Caminhar por entre as pessoas para sentir o ato. Corpos em relações fixas, um ou outro passando. Cheiro de churrasquinho e fritura. Muitos grupinhos. Conversas, cervejinha. Gente olhando o celular. Barraca com camisas do PT. Olhares tensos, tentando ver quem fala no palco. Espera pela Dilma. Tirar selfie. Olhar no celular. Conversar. Muita gente olhando o celular. Banca com gente do OcupaMinc fazendo serigrafia em camisetas. Um grande bloco de militantes da CUT e centrais sindicais, com bandeiras, camisas e bonés vermelhos. Militantes com bandeiras de partidos espalhados por entre muitos pequenos grupos sem marcas identitárias. Pequenos grupos jovens com bandeiras do PCdoB, da UJS, UBES e UNE. A caminhada é interrompida por um alambrado que cerca uma grande área na frente do palco. Uma pessoa diz que só pode entrar mulher. Notar seguranças espalhados no perímetro, descobrir que aquela é uma área “VIP”, com acesso regulado por nomes em uma lista. Pausa...

O Ato organiza uma composição verticalizada de sujeitos com hierarquia de importância: Palco / área VIP / platéia. Reproduz na praça o espaço estriado da organização institucional. Assim, parados em áreas pré-determinadas e com atenção magnetizada pelas emanações de uma região fixa, parecem reduzidas as chances de conexões entre corpos desconhecidos, descobertas ao acaso, protagonismos espontâneos. Sem movimento, o ato torna-se mais fechado aos atravessamentos imprevisíveis, às adaptações contingentes levadas por outros corpos da cidade

¹ os professores estaduais estão em greve, com salários atrasados, demandando reajuste salarial e melhoria das condições de trabalho. Os estudantes ocupam as escolas em solidariedade aos professores, por melhoria nas estruturas de suas escolas, eleições diretas para direção e mais participação nas decisões, contra cortes de verbas e presença da PM.

viva e suas intensidades de momento que invadem os agenciamentos, produzindo reorganizações de relações, de formas e sentidos no bojo do acontecimento.

Ao invés disso, vemos o preenchimento extensivo de uma rua tornada mais cenário que experiência de produção de comuns. Chega-se com seu grupo, ocupa-se um espaço, responde-se às solicitações do palco e vai-se embora com o mesmo grupo, num script previsível, onde o sentido do evento já se apresenta como um formulário a preencher. Sob tamanha sobredeterminação sobram poucas brechas para a política da rua acontecer. A relação binária palco-plateia bloqueia as possibilidades de conexão chão-



chão pois o que acontece nesse plano parece não ter valor macropolítico, a não ser em termos numéricos e visuais — para fazer volume nas fotos feitas do palco e do drone que sobrevoa a massa — ou então se houver confronto entre polícia e manifestantes.

Enunciações do palco fazem transparecer como finalidade a fabricação de imagens que serão distribuídas aos jornais, blogs e timelines do facebook a serviço de um dos pólos das disputas por poder no âmbito do Estado. Tal situação explica porque Agamben qualifica de “democracias espetaculares” à atual configuração do sistema político ocidental. Mesmo numa situação construída por forças autoidentificadas como esquerda, predomina visivelmente a lógica do espetáculo, cuja característica definida por Debord (1997) é mostrar-se enquanto “linguagem da separação generalizada”; onde uma política espetacular “expressa o que a sociedade *pode* fazer, mas nessa expressão o *permitido* opõe-se de todo ao *possível*” (p.21. grifos originais).

Enunciações_ atualização de uma identidade de esquerda

— *Fo-ra Temer!*

— *Volta Dilma! Dilma, guerreira, da pátria brasileira!* — Grita a platéia, puxada pela mestre de cerimônias, que a mantém desejante estimulando a expectativa quanto a chegada da presidenta afastada. Anuncia-se a agenda da luta contra



o golpe, que “será nas ruas”, num discurso permeado por uma sequência de elogios às figuras de Dilma, Lula e ao governo petista, o que produz grande desconforto naqueles que se mobilizaram pela defesa da democracia e não de Dilma. Uma sequência de deputadas, vereadoras e futuras candidatas a cargos políticos sobem ao palco para discursar, intercaladas com uma ou outra liderança de movimento social e identitário, como Indianara, liderança transsexual, que recebe um forte “*Me Representa!*” puxado pela área VIP enquanto outras recebiam uma resposta morna ou até vaias, o que denuncia por onde os desejos da subjetividade

reconhecem alguma representação em meio à própria crise de representação e também que uma política da rua constrói suas brechas para desviar o script.

— Levantem as bandeiras, levantem os cartazes, para as fotos ficarem bem bonitas e lotadas — pede a mestre de cerimônias e segue estimulando uma verve — Eu tô nervosa gente, ela já chegou aqui.... Vamos agitar essas bandeiras, gritem comigo, “vem queridaaa!”. Dilma sobe ao palco, em meio aos gritos e bandeiras flamejantes. — *Tá lindo aqui de cima. Boa noite queridas e queridos, me desculpem os queridos, mas hoje é dia das queridas. Eu já falo com vocês, porque ainda queremos ouvir outras companheiras.* — Diz a presidenta afastada, e passa o microfone para uma deputada, que sem graça, fala muito rapidamente sobre o golpe, mas diz que a platéia quer ouvir a Dilma. Ao que alguém fala em seu ouvido, e ela se corrige passando a palavra a companheiras de outros partidos. Olhares indignados e impacientes na platéia. Após 20 minutos de uma espera cansativa, Dilma fala, e fala bem.



Simplificações discursivas ocultam a corresponsabilidade do próprio PT pela situação configurada, reforçando um ideário político não apenas restrito às instituições, como reduzido à sua

forma personalista, que conclama à exaltação de Dilma e uma dúzia de profissionais da política com características de “mulheres guerreiras”. Política conduzida pela centralidade de sujeitos individuais e pela enunciação de uma esquerda como um sujeito coletivo. De forma intimamente associada à esse agenciamento de enunciação, o ato realiza uma sobrecodificação da política da rua pela lógica econômica de números e extensão, característica que constitui o léxico das disputas pelo Estado. Captura parcial dos desejos de rua na macropolítica, onde as ruas representariam a vontade das massas para conferir legitimidade aos processos institucionais. A fórmula é simples: se as manifestações “fora Dilma” forem maiores “é” *impeachment*, por isso o “não vai ter golpe” precisa ser maior. Está aí a chamada disputa de narrativas, ainda refém do



enorme poder concentrado da mídia corporativa, onde direita e esquerda agem do mesmo modo aqui, como em 2013, filtrando dos agenciamentos rua aquilo que é governável e pode ser capitalizado —e assim, legítimo —e o que é ingovernável, ou seja, não se encaixa na economia eleitoral e não merece legitimidade, sendo criminalizado ou invisibilizado.

Se corpos, ainda há afectos. O corpo de Dilma

Quando a segmentaridade dura da macropolítica organiza demais a experiência, é difícil perceber o que se passa na micropolítica, pois o que se diz e o que se vê passa por uma modelagem que reitera a política de subjetivação dominante, que insiste nas polarizações políticas em alternativas

infernais (optar pelo menos pior) e investe os desejos no consumo de sujeitos. Tudo é separado — o representado e o representante; palco e platéia; o ato e a imagem do ato (onde está o valor); o discurso e o corpo — retomamos aqui percepção de um domínio quase total da lógica do espetáculo debordiano sobre essa experiência. Mas talvez seja justamente a separação excessiva produzida nas enunciações e nas formas deste agenciamento que, comparada com outros vivenciados por trajetórias marcadas pela política da rua recente, a causa de um enorme mal-estar na subjetividade. Uma disjunção muito grande entre a enunciação (palavras, imagens, signos) e o maquínico — isto é, a engrenagem dos desejos e afecções, que se fazem em plano outro que o da



experiência dos sujeitos —, que uma certa subjetividade atual parece vir desenvolvendo habilidades sensíveis para processar, reforçando aquela linha de fratura do dispositivo que mencionávamos no início da narrativa.

Seria, de fato, fácil incorrer no tentador esquema de enquadrar um ato como macropolítico e outro como micropolítico, mas seria também uma grande erro. Molar e molecular são dimensões copresentes da

experiência e interdependentes, já alertavam os autores de "Mil Platôs". Outro erro seria positivizar o molecular por sua natureza fluida em comparação às segmentaridades duras que operam as dinâmicas no plano molar das representações nos seus mais variados registros². Apesar dos discursos e de uma semiotização geral dos indivíduos e grupos compõem neste segundo ato um agenciamento de enunciação amplamente codificado em linguagem macropolítica — o militante vermelho com sua bandeira, a forma-comício que separa a liderança do militante, a mediação institucional — há toda uma cartografia dos fluxos de afetos a percorrer junto aos corpos.

Encontrar corpos que vibram uma mesma indignação diante de enunciados cínicos de corruptos contra corrupção, impotência diante de um aparato midiático super potente, alegria de se reunir com outros que, sentindo a mesma impotência e indignação, respondem às convocações de se juntar às ruas; espera, ansiedade, tensão, angústia, dúvida expressa em olhares, semblantes voltados às luzes e vibrações de um palco que promete um caminho possível, mas não convence; alguma força sentida nas vibrações de gestos e palavras de ordem coletivas.



Perscrutando ainda mais os corpos, percorre o ar certa nostalgia, de memórias de encontros como esse, vivenciados em outras ruas repletas de desejos, de esperança num projeto político, de

² Deleuze e Guattari não cansam de mostrar como o fascismo se prolifera antes no plano molecular. "O fascismo é inseparável de focos moleculares, que pululam e saltam de um ponto a outro, em interação, antes de ressoarem todos juntos num grande buraco negro central generalizado. ... É uma potência micropolítica ou molecular que torna o fascismo perigoso...é muito fácil ser antifascista no plano molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que nutrimos com moléculas pessoais e coletivas". (Deleuze e Guattari, 1996, pp. 100-102)

confiança num líder. E, sobretudo, numa subjetividade que povoa corpos repletos de marcas da ditadura brasileira, são visíveis as expressões de uma reativação de afectos de “quando éramos revolucionários”. Há um prazer nessa nostalgia, que povoa de sentidos o momento e a defesa de um governo que já estava difícil defender. Micropolítica que é também mobilizada pelos grandes sujeitos golpeados — Dilma e Lula, o PT e a Esquerda — que apostam na narrativa do golpe, pois ele pode ter sido uma saída conveniente aos impasses de seu próprio governo. Há também, portanto, desejos de golpe (Viana, 2016), atualizados desde muitos afectos tristes de um longo período de violências e silenciamentos que um golpe iniciou em 1964, mas muitos afectos alegres vividos na luta política. Toda a ideia de esquerda no Brasil está vinculada a esses afectos, que foram potentes na derrubada da ditadura e na construção do PT. Mas agora tudo isso se mistura com os rastros de algumas conquistas e muitas decepções na última década.

Não deixa de ser curioso, por isso, que em meio a tantos afectos que pareciam diminuir a potência do corpo-ato, a presença de Dilma tenha sido o ponto alto da noite. Não apenas porque finalmente a longa espera terminava, mas porque de fato Dilma estava vibrando potência, uma que dificilmente emanou de seu corpo nos últimos anos. O golpe deu a ela potência, o contrário do que ela vivia nos últimos tempos anteriores ao fatídico impeachment, que eram a mais pura impotência promovida pelo xeque mate da governabilidade que agonizava sobre a cova por ela mesma cavada.

POLÍTICA DA RUA: EXPERIÊNCIAS FORA DO SUJEITO

As intensidades e prazeres do corpo-afecto

As latitudes, dizem os autores de Mil Platôs, são os graus de intensidades dos afectos que percorrem um corpo. Se no âmbito da macropolítica, na política dos sujeitos, a disputa se polariza entre direita e esquerda, representações dominadas por valores morais que não raro se convertem em dogmas fixados em um plano abstrato descolado das práticas, no âmbito micropolítico a disputa é entre afectos, aqueles que aumentam a potência e aqueles que diminuem a potência dos corpos em relação direta com os desejos e as práticas. Desejamos aquilo que nos reverbera potência. É uma disputa entre afectos alegres e afectos tristes, para dizer com Spinoza. Por esta chave, entende-se perfeitamente o modo de atuação micropolítica do Estado e seu braço armado, o aparato jurídico-criminal e a discursividade midiática, que formam um agenciamento próprio, um bloco de sensações que pode ser sintetizado no afecto do medo, componente sempre presente na política da rua, desdobrado como interdição, desqualificação e violência. O medo diminui a potência de agir, que reduz as possibilidades de conexões entre corpos para formar outros mais potentes, bloqueando a invenção e a produção de devir. É por isso que as alternativas infernais fabricadas pelas democracias espetaculares são o bloqueio da política (Pignarre; Stengers, 2011), pois toda escolha sob este modo passa a ser movida pelo medo.

Voltemos aos fluxos moleculares dos dois atos. O primeiro transborda potência pois os corpos da ecceidade são produzidos ou povoados por afectos alegres, indiscerníveis de um intenso prazer que emerge na luta, mesmo que o disparador seja um afecto triste, o que geralmente é. O segundo é convocado e mobilizado, como vimos, por afectos difusos e contraditórios, por onde o desejo se perde, e o excessivo esquadramento macropolítico de uma representação que já não representa, perde na disputa micropolítica, ao produzir uma ecceidade que não cresce em potência. Reproduz a passividade dominante, mantém a multidão como espectadora, criando um corpo coletivo de conexões frágeis, pois pouco intensas, onde o prazer é extremamente limitado.

Neste sentido o prazer parece ser componente chave nesta cartografia, que não deve ser menosprezado. No ato “mulheres pela democracia”, marcado por um espaço estriado pelas segmentares duras da forma-estado, toda uma impotência da espera se mantém pela promessa de prazer no final: a fala de Dilma, sujeito central desta política. Já no ato “por todas elas”, as conexões horizontais que se fazem na produção de um espaço liso de fluxos de afectos, a política da rua está completamente associada à liberação do prazer e da alegria de, simultaneamente, produzir e viver esse espaço. Não há promessas nem desejos de gozos para depois, pois já se experimentam orgasmos múltiplos, vinculados à sensação de que uma potência cresce e extrapola os limites do sujeito.

Desejo de rua

Esta é talvez a principal conquista do ciclo que começa no Brasil em 2013: aquilo que Peter Pelbart (2015) caracterizou como profusão de um “desejo de rua”. Após um longo período de aparente estabilidade sob o governo petista, onde movimentos sociais e urbanos ascenderam à representação e postos no Estado, uma sensação de impotência crescia paulatinamente e bloqueava uma subjetividade que não encontrava meios de expressar seu dissenso em relação às ações de um Estado amarrado ao complexo da governabilidade. Foi pelas experiências de rua, potencializada pelas redes sociotécnicas, que uma sequência de contágios imprevisíveis vindos de acontecimentos locais, nacionais, globais encontrou meios para transmutar impotência e indignação em potência de invenção política. Meios que já vinham sendo abertos por pequenos coletivos políticos, carnavalescos, artísticos, culturais que ali já estavam. Herdeiros de gerações anteriores de desejantes de rua, mas com repertórios de ação e enunciação que remixam o velho e o novo, mesclando rituais locais com outros aprendidos nas conexões globais com outras lutas. É essa vivência múltipla de rua, expressa em manifestações, blocos de carnaval, ocupações, performances, assembléias, aulas e oficinas abertas, onde a experiência urbana e a experiência política se misturam, tornando-se inseparáveis, que se prolifera nos fluxos desejantes e anima as linhas da subjetividade que buscam no devir, a ruptura com o dispositivo.

Chama-se aqui muito amplamente de “rua” os ambientes urbanos abertos onde a experiência individual de sujeitos separados pelas castigantes tramas do cotidiano é parcialmente suspensa por outra experiência de *fazer* parte de uma composição comum sentida como potência diretamente no corpo, um que “existe tal como o sentimento” (Spinoza, 2013), um campo de ressonâncias e contágios. Onde é possível aprender e apreender de uma só vez uma multiplicidade de habilidades, de formas de fazer com: melodias e gritos de guerra, produzir cartazes e expressões visuais, usar a câmera de celular para coibir a violência policial ou transmitir na rede, se juntar à banda, virar performer, lidar com explosões e gás, controlar o medo e evitar correr, manter o corpo junto de outros para formar um corpo coletivo mais forte, esconder o rosto e performar táticas para proteger-se e a outros e resistir à repressão, e um longo etcétera. Experiência que tem menos de sujeito político, do que de comunidades do instante (Ager, 2011 p. 173) “formadas na atividade (política, estética ou ritual) e não das identidades comunitárias supostas eternas, primordiais e não contextuais.”

Agenciamentos corpo-palavra_enunciação e devir

Liberados da prerrogativa dos sujeitos, também a separação entre corpo e linguagem deve ser desfeita. Em cada agenciamento perguntar: quais as linguagens possíveis ao corpo *ai*? Se os corpos se constituem nos agenciamentos pelos afectos que os percorrem, instituiremos ambos - corpo e linguagem - como *ecceidade* autopoiética, isto é, não como âmbitos ou propriedades distintas de

um mesmo ser (um "espírito" que possui um corpo e é dotado de linguagem) ou sujeito (que constitui um corpo social e o expressa no interior de uma linguagem partilhada com outros sujeitos sociais), mas como aquilo que é expresso e se presentifica ao instituir o acontecimento na linguagem. Corpos que num agenciamento podem enunciar discursos coletivos, expor símbolos e identidades políticas, além de definirem a si mesmos como corpos-sujeito "de esquerda", "trabalhadores", "sindicalistas", "pertencentes a movimentos sociais"; que se dividem entre palco e plateia, os que falam e os que respondem à liderança. Em outro agenciamento já podem se constituir de outra maneira, em distribuição menos hierárquica, formada em agenciamentos por identificações que passam pela lógica dos afectos e relações de movimento, atrações, repulsas, contágios. Corpos que emanam-se por outra linguagem, que implica uma corporeidade propriamente expressiva: o nu, a roupa, a dança, o grito em timbre feminino.

Perguntar então: o que enunciam tais linguagens, isto é, cada corpo? Na chave do molecular, perguntaríamos, que devires passam por cada enunciação, cada modo de enunciar? Toda uma política do devir, que a percepção puramente macropolítica, bloqueada pela experiência-sujeito não consegue ver, ou valorizar, mas independentemente do aval ou legitimação da narrativa histórica, dos analistas de conjuntura (profissão da moda na academia nesses tempos de crise), vai seguir produzindo suas revoluções moleculares.

A história narrada na chave molar poderá até dizer do primeiro ato como o início de um movimento, como a germinação de um novo sujeito que precisa ainda se constituir (amadurecer, estratificar) para fazer política e transformar o mundo. Mas do ponto de vista da exceção e do devir, a esta singular entidade rua nada falta, pois *uma potência cresce* ao fazer explodir uma intensa troca de afectos que imediatamente atravessa a subjetividade vigente e a transforma. E isso já basta. Já é muita coisa. O ato termina, um ou alguns corpos se desfazem, mas aquela potência, aquele devir não deixam de existir. Marcam corpos por afectos que serão transportados em trajetórias de vida e na medida em que cruzarem com outros que lhes aumentem potência contaminam o meio e dão velocidade a movimentos de transformação. O devir é imediatamente político.

Dois atos, uma só exceção

A ideia de política das ruas passaria pela articulação sempre singular de enunciações (linguagens possíveis aos corpos) - corpos (movimentos-afectos) - espaço (matérias, meios), não como dados pré-constituídos e separados, mas em transformação agenciada no tempo dos acontecimentos ou exceções. O que não significa voltar sempre ao "ponto zero", pois há rastros por todos os lados, mas é corpo que produz espaço e linguagem, é linguagem que produz corpo e espaço, é espaço que produz linguagem e corpo, e talvez tempo possa ser dito como o feixe de linhas que esses agenciamentos formam nos rastros de seu movimento. Cada elemento como um agenciamento que é coemergente no próprio agenciamento e a política como os *modos* de engendramento, de maquinação.

Haveria ainda uma outra exceção, não só a coisa viva que se forma a cada ato, mas uma que vive os dois agenciamentos como um outro agenciamento e cartografa sua própria crise nesse meio, descobrindo a cada momento, o que pode o sujeito, o que pode um não-sujeito. Esta que narra a sequência de eventos enquanto um mesmo *tempo vivido, uma trajetória singular* que se compõem de um emaranhado complexo de muitas linhas — molares, moleculares, de poder, subjetivação, de atualidade e sedimentação, de matéria e energia. Seria ela um testemunho das possibilidades de uma política sem sujeito, na medida em que essa individuação que narra em

cada ato algumas composições — repletas de corpos, afectos, imagens, identidades e identificações circunstanciais — narra também um só ato como conjunto de afectos e perceptos que *estão em política*? Um emaranhado que comporta muitos dos circuitos e curto-circuitos, bloqueios, desacelerações, explosões e impasses dos desejos, das forças e possibilidades em jogo na composição da subjetividade contemporânea?

Num âmbito de sujeitos, como eu, muitos amigos, conhecidos e desconhecidos, estiveram nos dois atos, e em tantos outros, antes, durante e depois de 2013, sendo manifestante, folião, músico, performer, ativista, trabalhador grevista, militante, ambulante, ocupante, black bloc, feminista, esquerda. Sendo contra a cultura do estupro e contra o golpe (e contra o aumento das passagens, e contra as remoções, e...), mas vivendo sequências de experiências que ao invés de separadas por ideologias, metodologias, identidades, formam exceções movediças, povoadas como uma síntese disjuntiva, a vida. Seria necessário definir qual desses é sujeito, qual não é? ou o que falta para constituir um sujeito político?

Não se trata de defender que não há sujeitos, mas suspeitar de sua centralidade e prerrogativa. Viver a disjunção, o mal-estar, os incômodos, as diferenças e descobrir modos de navegar o movimento compondo junto a outros corpos a cada momento, articulando e inventando habilidades de fazer-pensar-dizer que transbordam os limites do plano, do tempo linear, das separações do espetáculo, da suposta interface que separa os sujeitos de outros e estes do mundo, é já o acontecer político, a transformação da subjetividade forjada no jogo de forças de um certo dispositivo.

É aí que “as ruas”, nem espaços, nem sujeitos, mas essas exceções, entidades ambíguas, paradoxais e voláteis como Exu, parecem ser singularmente capazes de abrir (e também fechar) os caminhos para ruas da política ainda a desbravar. Viver cada momento desses como exceção, como a abertura do campo de possíveis às coisas, à vida e às matérias em seu intextricável envolvimento e movimento contínuo de transformação, e perceber que a política da rua está lá onde alguma coisa está fora da ordem e algo acontece às costas dos sentidos planejados, dos efeitos desejados, das expectativas do jogo político reduzido aos sujeitos e à forma Estado. E se a subjetividade atual vem sendo maquinada para produzir individualizações que pensam e dizem como sujeitos e esperam pelos sujeitos, narrar de outras formas, mais atentas à linguagem dos afectos, levando-a à sério, pode criar pistas para algumas de nossas inquietudes quanto aos rumos das relações entre cidade, política e desejo de democracia.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013

AGIER, Michel. "A cidade, a rua e o princípio da política." In: *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. *O mistério de Ariana*. Ed. Vega – Passagens . Lisboa, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs vol. 3*. São Paulo: Editora 34, 1996

_____. *Mil Platôs vol. 4*. São Paulo: Editora 34, 2012

PELBART, Peter Pál. “Parque Augusta:, ou um desejo de rua”. 2015. <http://outraspalavras.net/brasil/parque-augusta-ou-um-desejo-de-rua/>. (acesso em 10/11/2016)

PIGNARRE, Phillippe; STENGERS, Isabelle. *Capitalist Sorcery: breaking the spell*. London, UK: Palgrave Macmillan, 2011

SAFATLE, Vladimir. “Quando as ruas queimam”. (Trecho publicado em) *Ilustríssima —Folha de S.Paulo*, 17/07/2016

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.

VIANA, Diego. “Golpes e Desejos”. 2016. Disponível em: <https://vianadiego.wordpress.com/2016/03/31/golpes-e-desejos/> (acesso em 10/11/2016)